Canjerê

Valorização e promoção da cultura africana e afro-brasileira

ano 3 - edição 11 - Dezembro

Casarão das Artes

O Afrofuturismo de Zaika dos Santos

por Naiara Rodrigues

Canjerê
Valorização e promoção da cultura africana e afro-brasileira

Editorial

Chegamos ao fim de mais um ciclo

2018 foi um ano desafiador para as relações humanas no Brasil, principalmente no processo eleitoral. Para muitos, foi um ano acelerado e de mudanças no quesito empatia. Vivemos um tempo de extrema mudança e não podemos deixar o ódio e a raiva nos dominar porque a correria do dia a dia, aliada a esses sentimentos, nos tiram do ponto de equilíbrio.

Estamos todos conectados e podemos, sim, estarmos presentes na vida de outras pessoas de forma mais humana. Precisamos disso. No passado era assim, mas desaprendemos.

A Seção Comportamento da 11ª edição da Canjerê traz uma pessoa que vai contra o ritmo mecânico e frenético da vida: Nath Sol que se porta como uma cuidadora do humano, da matéria e do espírito. Ela zela pela saúde do corpo e da alma. É disso que precisamos para não sermos consumidos pelo estresse, porta de muitas doenças.

A capa da edição é uma aula de vivência e afrofuturismo com a multiartista e pesquisadora Zaika dos Santos, especialista em resgatar a história do conhecimento surgido em África e dedicada em quebrar o silenciamento histórico que apagou os seus protagonistas.

Passamos pelo Uruguai para contar a história da rapper, b-girl e grafiteira, VikiStyle, o resultado está na Seção Entrevista.

A Canjerê é uma viagem que nos permite conectar com pessoas de várias partes do mundo.

Desejamos a você um 2019 cheio de luz!

Não vamos nos desconectar das tradições espirituais e milenares, das práticas simples de conversar com os mais velhos, atitude que nos ajuda a manter a nossa sensibilidade em alerta.

Salve os nossos ancestrais!

Sandrinha Flávia
Editora

Canjerê

valorização e promoção da cultura africana e afro-brasileira

SUMÁRIO

p6 Entrevista
Arte de resistência: Viki Style, referência do Hip Hop uruguaio

p18 Matéria de capa
O Afrofuturismo de Zaika dos Santos

p24 África
Mwana Afrika: a jornalista que está levando conteúdo sobre o continente africano para o mundo

p26 Ensaio
130 anos de Abolição: o racismo é letal

p10 Comportamento
Saúde e cultura nas mãos de Nath Sol

p12 Canjerê
Canjerês, cultura popular e tradição: espelho de BH

p14 Gente do Canjerê
Rosália Diogo: ela não adormece. Está em constante movimento

p16 Olhar Social
Cais do Valongo, cicatrizes negras inscritas em nossa memória

p22 Negócios
Altair Alves: o empresário que usa a internet para fazer revolução no marketing contábil

p29 Cultura - Literatura
Hora Fria - Jussara Santos
Ilustração: Leonardo Ramaldes

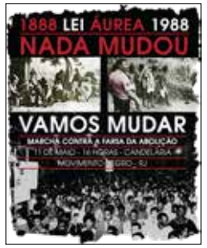
p30 Cultura - Dança
Raquel Cabaneco: dança que corre nas veias

p31 Cultura - Música
Abras as asas sobre nós, Senhora Liberdade!

p32 Cultura - Teatro
Diversidade nos palcos do FIT-BH

Agradecemos a todos da equipe Casarão das Artes e aos parceiros do Brasil e do exterior que aceitaram o desafio de construir esta importante fonte de informação e pesquisa.

Foto da Capa:
Nok é Nagô e 55pxl



Colaboraram nesta edição:
Bárbara Gabrielle, Centro Cultural Solar Wilson Moreira, Ezequiel Monge, Gal Souza, Guilherme Xavier, Karen Ramos, Luís Germano, Maria Noel, Mariana Botelho, Nok é Nagô e 55px, Paulo Oliveira e Rick Batista

Matéria de Capa

Naiara Rodrigues
O Afrofuturismo de Zaika dos Santos
Arte, Ciência, Tecnologia e Inovação Africana e Afrodiáspora

Patrocínio:
FUNDO ESTADUAL DE CULTURA 0319/01/2016/FEC
+CULTURA
MINAS GERAIS DIÁLOGO EQUILÍBRIO TRABALHO

Expediente

INSTITUTO CULTURAL CASARÃO DAS ARTES
Diretora Executiva
Maria Aparecida da Silva Santos

Curadora
Rosália Diogo

EDITORIAL
Diretora de redação
Rosália Diogo

Editora
Sandrinha Flávia

Repórteres
Moisés Mota, Roger Deff e Samira Reis

Editoração
Leonardo Oliveira e Maria Luiza Viana

Ilustração
Leo Ramaldes, Marcial Ávila e Maria Luiza Viana

Fotografia
Sol Brito
Ricardo Laf (Tratamento de imagens)

Colaboração Editorial
Naiara Rodrigues

Revisão
Paulo Roberto Antunes

CONSELHO EDITORIAL
Carlos Serra
Universidade Eduardo Mondlane - Moçambique

Edimilson de Almeida Pereira
Universidade Federal de Juiz de Fora - Brasil

Eduardo de Assis Duarte
Universidade Federal de Minas Gerais - Brasil

Filinto Elísio
Rosa de Porcelana Editora - Cabo Verde

Ibrahima Gaye
Centro Cultural Casa áfrica - Brasil - Senegal

Maria de Mazzarelo Rodrigues
Mazza Edições - Brasil

Marcial Ávila
Instituto Casarão das Artes - Belo Horizonte - Brasil

Maria Nazareth S. Fonseca
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Brasil

Olusegun Michael Akinrulli
Instituto Yourubá - Brasil - Nigéria

Patricia Gomes (Guiné-Bissau)
Universidade Federal da Bahia - Brasil

Rosália Diogo
Instituto Casarão das Artes - Belo Horizonte - Brasil

Av. Bernardo Monteiro, 414
Bairro Santa Efigênia
30150-280 - Belo Horizonte/MG
Telefone: (31) 3273 0601
artesdocasarao@gmail.com

Casarão das Artes

ENTREVISTA

Arte de resistência

Viki Style, referência do Hip Hop uruguaio

Roger Deff

MC belo-horizontino, jornalista, integrante da banda Julgamento. Atualmente apresenta e produz o programa Rimas e Recortes veiculado pela Rádio Inconfidência

Foto: Maria Noel

Jovem militante do hip hop faz da arte de rua uma ferramenta de transformação social

Militante do Hip Hop desde 2002, a artista uruguaia Viki Style vivencia na prática 3 dos 4 elementos dessa cultura (o Hip Hop é formado pelos elementos DJ, grafitti, MC e break), sendo rapper, b-girl e grafiteira, além de atuar como professora e palestrante em eventos culturais nas Américas do Sul, Central e Europa. Toda essa experiência fez com que essa jovem nascida em Montevideo tivesse uma visão mais ampla do papel e da representatividade da cultura de rua para os povos da América Latina.

O Hip Hop nasceu em agosto de 1973, em Nova York no Bronx. A gênese dessa cultura que hoje dialoga com jovens de todo mundo se deu quando os imigrantes jamaicanos, os irmãos Clive e Cindy Campbel (o primeiro se tornaria o lendário DJ Kool Herc) fizeram uma festa para arrecadar fundos para a compra de materiais escolares. Aquele evento despretensioso realizado na Avenida Sedgwick, 1.520, foi o ponto inicial do movimento que, só mais tarde, se chamaria "Hip Hop", quando em 12 de novembro de 1974 Áfrika Bambaataa criou a Zulu Nation, a primeira instituição oficial da cultura de rua, adotando como princípios o conhecimento, a paz, o amor, a união e a diversão. Não demorou muito e a cultura se espalhou por todo o planeta dando voz a jovens oriundos das minorias sociais.

Assim como no Brasil, a chegada do Hip Hop nos demais países da América Latina mudou radicalmente o modo de vida dos jovens nas periferias. E foi assim no Uruguai.

Virginia Sequeira (30 anos), nascida em Montevidéu mas criada em Toledo/Canelones, atua hoje sob a alcunha de Viki Style. Ela tornou-se uma das principais referências do Hip Hop em seu país, circulando por diversos países e criando conexões com hip-hoppers de outras nacionalidades. Viki vê a arte como ferramenta essencial para o aprendizado e para a mobilização social e tem utilizado o Hip Hop nesse sentido, através da dança, da música e das aulas que promove, incentivando discussões, bem como o surgimento de outros e outras artistas e lideranças tão essenciais à continuidade e crescimento do movimento.

O Começo...

Como e quando foi o seu início na cultura hip hop?

Viki – Meu início no Hip Hop se deu em 2002. O primeiro elemento que vi foi o breaking (a dança), quando vi B. boys dançando na festa da escola e, mais adiante, conheci o rap, desde então, comecei a escrever, a improvisar. O primeiro elemento que pratiquei foi o rap, depois, em 2009, fui para o break e, mais adiante, o graffiti, em 2015. Atuo com trabalhos sociais desde 2007.

Na maioria dos países, o Hip Hop chegou através da mídia, e o cinema foi fundamental para essa difusão. No Brasil, por exemplo, o filme que deu o start para essa cultura foi Flash Dance, de 1983. Como foi no Uruguai?

Viki – A cultura de rua chegou aqui através da televisão, dos videoclipes e dos filmes. Quando a democracia se restabeleceu, pessoas que foram exiladas, ao voltarem para o Uruguai, contribuíram também para o fortalecimento do Hip Hop no país, por trazerem elementos da cultura.

E quais artistas, grupos, você apontaria como precursores do Hip Hop no seu país?

Viki – Destaco nomes representativos como o grupo do rap VDS Victimas del Sistema, no grafiti foi o KNCR Crew e no breaking o grupo Dinamic Bboys, trabalhos cuja importância despertaram ainda mais minha atenção e interesse pelas artes do hip hop.

Ao longo dos anos, você realizou viagens por diversos países e pode perceber as dificuldades enfrentadas por pessoas que escolheram essa cultura. Quais são os desafios e dificuldades em comum, na sua opinião?

Viki – As dificuldades relacionadas à cultura Hip Hop estão presentes em todos os lugares. Na América Latina, como um todo, o Hip Hop está mais relacionado ao sentimento e à vivência do que à indústria. Em alguns países, a cultura está apontando para o mercado, mas mantendo a raiz forte da autogestão e da luta.

Há quem não compreenda as dimensões políticas e sociais da cultura de rua, embora sua origem e tudo o que ela traz aponte para outros caminhos. Como você vê essa dimensão de luta política do hip hop?

Viki – Para mim, o Hip Hop é um movimento de luta a resistência e é assim que tem que se manter, como ferramenta de reivindicação. O Hip Hop como ferramenta social cumpre um papel fundamental. É um movimento de luta, por isso todas as minorias encontram no Hip Hop um refúgio, uma voz, uma forma de traduzir suas mensagens, uma maneira de reivindicar seus direitos, de expor situações de desigualdade. Todos grupos minoritários estão vivendo em opressão e

Foto: Maria Noel

podem encontrar um abrigo no Hip Hop, uma maneira de enviar sua mensagem e expor a sua situação, lutar por igualdade, melhores condições e direitos.

Sobre a luta feminista você percebe o reflexo dentro do Hip Hop?

Viki – É mais uma luta importante que amplifica sua voz dentro e através da cultura. Eu fico muito feliz por ver que mais mulheres estão habilitadas através de suas vozes, seus corpos, suas ideias, ver essas expressões traduzidas para qualquer tipo de arte. E se isso ocorre através de algum dos elementos do Hip Hop é ainda mais importante para mim porque é algo que eu compartilho,

Sobre o rap produzido no Brasil, quais trabalhos você conhece e como eles chegaram até você?

Viki – O rap brasileiro não é muito difundido aqui, mas tive contato com ele porque minha família residente ao norte do Uruguai, fronteira com o Brasil, então falam muito "portunhol". Foi então que, durante as férias lá, que conheci artistas como Racionais, MV Bill, Sabotage, Gabriel, o Pensador, Rapadura, Criolo e Planet Hemp, Marcelo D2 que, inclusive, esteve algumas vezes no Uruguai.

Em setembro de 2018, você esteve em Belo Horizonte para participação no evento Música Mundo, dedicado à circulação mundial da

Foto: Maria Noel

música. Na ocasião, lembro que você pode conversar com MCs, B.boys e B.girls da cidade. Quais são suas impressões relativas ao Hip Hop na capital mineira

Viki – O Hip Hop em Belo Horizonte me pareceu muito organizado. Muito grafitti, muita arte urbana. Muita gente ativa que mantém os espaços e que já tem uma trajetória. Vi que é uma cultura muito bem difundida e que são grupos bem constituídos. Vi uma veia cultural muito interessante em nível de Hip Hop.

E quanto aos projetos futuros Viki, são mais ligados à dança ou à música?

Viki – Sobre os projetos futuros, quero seguir viajando, conhecendo lugares e pessoas, compartilhando e enriquecendo minha vivência com o Hip Hop e a cultura de outros lugares e levar minha experiência e vivência a esses mesmos lugares. Pretendo lançar um disco, que já está pronto, com o nosso grupo de rap feminino, o S.A.K (se armó kokoa) e, em breve, até o fim do ano, teremos lançamento de disco e videoclipe. Disco tanto virtual quanto físico. É um trabalho que vem sendo produzido há cerca de 12 anos e contém temas ligados ao momento atual, em âmbito nacional e internacional. Este é o projeto mais interessante no qual estou envolvida no momento.

Saúde e cultura nas mãos de Nath Sol

Moisés Mota
Jornalista

Foto: Karen Ramos

FEMINISTA em construção e NEGRA em reconhecimento. É assim que Nathália Orleans Barcelos se define na rede social e também na vida. Se é que uma epígrafe tem condições de resumir a grandiosidade do humano. E assim também se posiciona como ser feminino que se completa na luta e resistência, necessidades permanentes.

Enfermeira por formação, trabalhou por cinco anos no Hospital das Clínicas na assistência da área da saúde com o intuito de promover cuidado e bem-estar físico. Atuou como educadora popular no projeto EdpopSUS em parceria com a Fiocruz e a Escola de Saúde Pública durante 6 meses em Coronel Fabriciano, levando a palavra de Paulo Freire como forma de resgate do saber popular. Não satisfeita, foi além da saúde da matéria e buscou outras formas para tratar, cuidar, promover confortos em outras searas. Nessa busca pela saúde plena, cursou massoterapia e se tornou mestra em Reiki, prática criada em 1922 que manipula a energia vital universal de amor e cura através da imposição de mãos.

Quando só o hospital era pouco para atender seus anseios, em 2013 inicia sua militância por reforma urbana nas Brigadas Populares e, após um ano, ganha as ruas como produtora cultural, atuando na produção do Sarau Vira Lata e, em seguida, criou um sarau para a expressão de mulheres, o Sarau das Cachorras. Também criou junto à sua amiga Bianca Apolinário a BamboArte e todo mês ofereciam aulas de bambolê nas praças da capital mineira. Uma maneira de se ocupar os espaços públicos dando a eles outras definições e fomentando uma das suas principais lutas atuais. Esse projeto aconteceu como encontros urbanos que coloriam e davam movimentos aos espaços públicos e realizavam as benfeitorias na vida das pessoas através dos exercícios executados com o objeto lúdico. Carrega em seu ventre a CORAGEM, sendo a modelo da imagem em uma empena localizada na rua Santos Dumont pintada pela artista Priscila Amoni.

Nath Sol se porta como uma cuidadora do humano, da matéria e do espírito. Zela pela saúde do corpo e da alma e se coloca no campo da luta diária uma vez que “a resistência permanece, a luta continua” como contou a jovem mulher à reportagem.

Foto: Karen Ramos

Lançamento da 10ª edição: Puro axé

Equipe Casarão das Artes (textos e fotos)

Algumas potentes ações foram realizadas em Belo Horizonte pelo Casarão das Artes, ou acompanhadas pela nossa equipe de colaborador@s.

A festa de lançamento da 10ª edição da Revista Canjerê aconteceu no dia 15 de setembro, em um local que representa força e resistência negra: Reinado Treze de Maio, no bairro Concórdia. De lá, a Rainha do Congo de Minas Gerais, Isabel Cassimira, emana boas vibrações para que possamos continuar o nosso processo de resistência ancestral. A tarde foi linda e rolou diálogos entre música afro-brasileira e poesias autorais com o geógrafo, educador, poeta e escritor, Mateus de Moraes Servilha, e discotecagem com o DJ Leo Olivera.

Tributo à Fela Kuti

Mais uma vez, o Casarão das Artes realizou, no dia 11 de setembro, o Canjerê Tributo à Fela Kuti, no Museu das Minas e do Metal, instituição parceira desde 2017. Fizemos uma Roda de Conversa sobre a pessoa e a música de Fela Kuti, com ênfase no seu perfil de multi-instrumentista e ativista político, nos seus ideais pan-africanistas, no seu relevante e utópico papel na música negra, em todos esses processos. Intercalando depoimentos do Cônsul da Nigéria em Minas Gerais, Olusegun Akinruli e sessões musicais de Afrobeat, com a Dj Black Josie, dezenas de pessoas participaram da homenagem a um dos mais instigantes e carismáticos artistas musicais da África. É importante destacar que mundialmente se celebra uma homenagem ao ícone Fela Kuti no dia 15 de outubro – Fela Day!

Canjerê Canto das Sereias

Realizamos um Canjerê especial no dia 23 de setembro no âmbito da Primavera dos Museus, o Sarau Literomusical: "Canto das Sereias" com o GRUPO DIAMANTE: Um coletivo de Música, Dança e Poesia, de Diamantina. Formados por Malu Costa e Gabriel Botelho no vocal; Grupo de dança afro Bantos do Baú na percussão e dança; Robson Di Brito no recital poético. O grupo utiliza como elemento catalizador desse Sarau os poemas da Coletânea "Mãe, pai & Lógunède", e os une com músicas da MPB e do universo religioso afro-brasileiro para produzir um sarau-votivo poético ao orixá Méta-Metà: Lógunéde. Esse Canjerê foi muito bem recebido pelo público frequentador do Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional Lagoa do Nado/Parque Lagoa do Nado.

Projeto Enc'antar: nossos mascotes, motivo de orgulho!

No palco, Raisla Maria, João Lucas, Aisha Zahi e Sarah Silva, os mascotes, incentivados por nossa equipe, que brilham em vários espaços da cidade, mostrando que a arte e a cultura negra estão presentes em nosso DNA! Dessa vez, acompanhamos a apresentação deles no Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional Lagoa do Nado, no dia 21 de outubro. Justo no mês dedicado à infância, eles fizeram uma brilhante apresentação com musicais e declamação de poemas autorais, interpretações de música popular brasileira e muita potência na disseminação da ancestralidade negra entre o público.

III Mostra Conceição Evaristo

A III Mostra Conceição Evaristo, que realizamos, entre os dias 23 e 26 de outubro, no Sesc Palladium, no Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional Lagoa do Nado e, em Betim, por meio da parceria, com o Festival Literário de Betim, foi mais uma justa e honrosa homenagem à escritora Conceição Evaristo, exemplo superlativo do protagonismo da mulher negra, cuja obra e atuação são reconhecidas nacional e internacionalmente. Mestra em Literatura Brasileira pela PUC-Rio, e doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense, suas obras, em especial o romance Ponciá Vicêncio, de 2003, abordam temas como a discriminação racial, de gênero e de classe. A obra foi traduzida para o inglês e publicada nos Estados Unidos em 2007. A escritora foi destaque mundial no Salão do Livro em Paris em 2015. No mesmo ano, recebeu o prêmio Jabuti pela sua obra "Olhos D'agua". Em 2017, Evaristo foi vencedora do prêmio Faz Diferença, do segundo caderno de O Globo, na categoria Prosa. Destacamos as apresentações artísticas que aconteceram durante a Mostra em homenagem à nossa Diva: apresentações musicais de Ricardo Ulpiano e banda, com a participação especial de Rita Silva (com trechos de musicalização da obra Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo) / Zaika dos Santos e Dona Jandira e Andrea Roseno/performance de dança, com Maira Mota, Aline Matias e Ramon Paixão.

Rosália Diogo

Ela não adormece. Está em constante movimento

Samira Reis
Jornalista e modelo

"A noite não adormecerá jamais nos olhos das fêmeas pois do nosso sangue-mulher de nosso líquido lembradiço em cada gota que jorra um fio invisível e tônico pacientemente cose a rede de nossa milenar resistência."

O trecho faz parte do poema "A noite não adormece nos olhos das mulheres", da escritora mineira Conceição Evaristo. Reconhecida internacionalmente por obras como Ponciá Vivêncio e Insubmissas Lágrimas de Mulheres, é uma das grandes referências literárias do nosso país e, também, inspiração para a professora e jornalista Rosália Diogo, estudiosa da vida e obra de Evaristo desde 2008. "A contundência com a qual ela trabalha em sua produção literária os temas da negritude e da mulher negra, me afetaram no momento e ainda me afetam, profundamente. Ao ingressar no curso de doutorado, em 2009, estava completamente apaixonada pela sua vida e obra, de tal modo que foi muito tranquilo escolher o seu trabalho para pesquisa, em análise comparada com a vida e obra da escritora moçambicana, Paulina Chiziane", explica.

Desde então, Rosália se tornou referência na capital mineira sobre as publicações da escritora, como também é reconhecida por ocupar espaços importantes e trazer à luz debates necessários ao combate ao racismo, ao machismo, à valorização da cultura africana e afro-brasileira. O Festival de Arte Negra de Belo Horizonte – FAN BH – é um dos exemplos dessa trajetória. "O meu envolvimento com o Festival de Arte Negra, FAN, ocorreu em 2015, quando fui convidada para ser uma das curadoras da 8ª edição. No FAN 2017, fui uma das coordenadoras e, atualmente, exerço o mesmo papel na medida que sou Conselheira Municipal de Cultura, representando a Secretaria Municipal de Cultura/ Fundação Municipal de Cultura. Uma das agendas que devemos garantir institucionalmente é a realização do FAN. Como expectadora do festival, desde 1995, considero que ele tem cumprido o papel de dar visibilidade às produções culturais de matriz africana em disputa com a produção cultural de outros continentes, sobretudo o europeu", comenta.

Outro feito consolidado na capital mineira por Rosália é a criação da Revista Canjerê. A publicação é construída pela equipe do Casarão das Artes, coletivo que reúne profissionais de diferentes áreas em prol da cultura afro-brasileira. O ensejo teve início em 2014, quando morava na Espanha para cursar pós-doutorado. "Convivi mais de perto com uma querida amiga, a artista e filósofa brasileira, que vive por lá, faz alguns anos, Angélica Sátiro, que coordena a Revista Crearmundos, fonte de inspiração. Quando retornei ao Brasil, em 2015, fiz a proposta de criação da Revista Canjerê para a equipe do Casarão das Artes, que é composta por artista plástico, designers, jornalistas e pesquisadores. Ou seja, a mão de obra para a produção da revista estava pronta e com o aceite de todas as pessoas, a revista se tornou uma linda realidade", afirma.

Além de atuante no movimento negro, Rosália sempre esteve envolvida com a educação desde a metade da década de 80. No exercício da profissão, compreendeu a importância de desconstruir o racismo nesse ambiente: "Sob à luz dos ideários políticos, protagonizados principalmente pelo educador Paulo Freire, fiz parte da diretoria de duas escolas: uma na região de Venda Nova, nos anos de 1990, outra no bairro Ipê, região Nordeste, nos anos 2000".

Uma caminhada com início em Nanuque, norte de Minas, trilhada com garra em Belo Horizonte e, agora e sempre, semeando o mundo. Mas não se engane; é apenas o começo. "Esse meu corpo negro ativista, ideológico, está em constante movimento. Os meus passos vêm de longe e vão para muito mais longe, em busca da liberdade, da emancipação das pessoas que estão sendo subjugadas pelo sistema capitalista, machista e classista, Yansã, minha mãe! Eparrey, Oyá!!".

Foto: Ricardo Laf

Cais do Valongo, cicatrizes negras inscritas em nossa memória

Paulo Roberto Antunes
Professor universitário, escritor, ator, mestre em Letras (Linguagem, Cultura e Discurso), revisor da Revista Canjerê

Foto: Rosália Diogo

A história inteira sobre a chegada dos escravizados negros no continente americano está perpetuada no Cais do Valongo, situado na zona portuária do Rio de Janeiro. Devido à sua importância como objeto de memória, o local foi declarado Patrimônio Histórico da Humanidade em 09 de julho de 2017 pela Unesco que, assim, o elevou ao patamar de um local símbolo de resistência da luta contra a discriminação racial no Brasil e no mundo.

Esse importante sítio histórico foi descoberto em 2011 durante as obras de revitalização da Zona Portuária do Rio de Janeiro. Das escavações, vieram à luz ruínas do Cais da Princesa e do Cais do Valongo, este repleto de objetos, amuletos e simbologias de cultos cuja origem se encontra em Moçambique, Congo, Angola, em terras da mãe África que nos gerou e embalou como nação divinamente miscigenada.

O reconhecimento internacional coloca o Cais em condições análogas às de locais de sofrimento e memória como os campos de concentração de Treblinka, Auschwitz, a cidade de Hiroshima. Valongo existe como um espectro de escravos urrando com ferocidade contra a desigualdade social profunda entre brancos e negros ininterrupta na história contemporânea brasileira.

A dimensão do horror é vermelha e trágica para o período do término do século XVIII até meados do século XIX, se projetando como uma ferida pulsante e não cicatrizada na história do humano: o cais funcionou como a maior porta de entrada dos africanos escravizados em terras brasileiras e, segundo o antropólogo Milton Guran, tem-se a soma de "um milhão de pessoas, trazidas da África para cá, entre 1811 e 1843. Proporcionalmente, comparando com os índices demográficos daquela época e hoje, um número atualizado de 12 milhões" é o somatório de seres humanos que foram arrancados de suas terras e subjugados a trabalho e condições subumanas, sendo que "os que já chegavam mortos eram enterrados de qualquer jeito ali mesmo; um enterro sanitário no chamado "Cemitério dos Pretos Novos"".

A história desse cemitério de almas quebradas e quase esquecidas conta – em voz muito baixa porque nosso racismo é dissimulado – que anteriormente à existência do sombrio local, os africanos escravizados eram empurrados à terra brasileira na Praia do Peixe onde hoje é a praça XV e comercializados na rua Direita, a atual rua 1º de Março. Isso trazia um desconforto aos olhos dos brancos que simulavam não ver a turba de crianças, velhos, adultos, negros e negras nus, sujos, ensanguentados, urrando de dores sob o estalar do chicote. Então, houve-se por bem realizar a transferência do mercado de seres humanos rasgados para uma região mais afastada dos olhos, ouvidos e narizes "sensíveis" da elite e da burguesia da época. Assim nasceu o Cais do Valongo, essa nódoa na História Brasileira que poucos querem lembrar e menor número ainda deseja contar.

E enquanto meus olhos azuis visualizam as palavras que choram na tela, enquanto minhas mãos brancas digitam esse holocausto descomunal, penso nas tantas e tantas balas perdidas que acertam as carnes dos negros nas ruas, praças e comunidades. Esses projéteis dourados, insaciáveis chicotes pós-modernos que se fazem de cegos às crianças negras de uniforme, aos Amarildos e às Marielles...

Visitar o Cais do Valongo, suas pedras centenárias e pesadas é necessário e urgente para negros e brancos, pois todos necessitamos de um mergulho no poço fundo da nossa embaçada história, seja para nos redimir, seja para reconhecermos e assumirmos a nossa verdadeira identidade miscigenada.

Oxalá!!!

Foto: Rosália Diogo

MATÉRIA DE CAPA

O Afrofuturismo de Zaika dos Santos

Arte, Ciência, Tecnologia e Inovação Africana e Afrodiáspora

Naiara Rodrigues
Jornalista e assessora de imprensa

O lançamento do filme Pantera Negra e o seu sucesso mundial chamou atenção para o movimento Afrofuturismo que traz uma mistura entre a ancestralidade africana e tecnologias na criação de narrativas com o protagonismo negro. O blockbuster levou ao cinema a história do primeiro super-herói negro e sua mística nação Wakanda, em uma adaptação para as telonas da história em quadrinho da Marvel Comics, criada em 1966 e que, a partir de 2005, passou a ser escrita por autores negros. Dialogando diretamente com o movimento, a sua projeção chamou atenção popularizando e dando visibilidade a artistas que desenvolvem suas obras dentro desse conceito no Brasil e no mundo.

Zaika dos Santos é multiartista e pesquisadora afrofuturista. Ela é cantora, compositora, arte-educadora, artista visual, pesquisadora negra, performer, trançadeira, produtora cultural, formada em audiovisual, rádio e TV e web designer. Pesquisadora do tema, cursa Licenciatura em Artes Plásticas na Escola Guignard (UEMG) e seus trabalhos estão estética, conceitual e tecnicamente ligados ao Afrofuturismo – Arte, Ciência, Tecnologia e Inovação Africana e Afroadiáspora.

Nas artes visuais, desenvolve atualmente o projeto Nok é Nagô que engloba diferentes ramificações artísticas. Para cada ação, desenvolve um processo criativo. Na performance, realiza ações com a transversalidade de linguagens das artes visuais dialogando as referências etimológicas, simbólicas, iconográficas, ancestrais e identitárias negras. Na pintura, visibiliza com a pintura corporal em ações de performance e a pintura em tela com referências africanas. Na gravura, aborda a simbologia etimológica e iconográfica Adinkra. Na fotografia, traz mulheres negras no seu cotidiano popular através de registros fotográficos escultóricos, e nas artes digitais mescla todas essas técnicas. Na ciência da computação, trabalha com programação HTML, códigos binários, instalações, mapping e a matemática do nó contextualizando a potência desses conteúdos e sua origem em África.

As Yabás da afrodiáspora é um dos processos que desenvolve há três anos no Nok é Nagô. “Nele, faço esculturas-coroa e fotografo mulheres negras sem reproduzir o estereótipo de que já estamos cansadas. Busco o que é este lugar de identidade de mulher negra para essas mulheres de forma sincera, intensa. Geralmente eu passo um dia com as meninas, espero elas trabalharem a identidade delas neste lugar, como qual roupa, qual maquiagem querem usar”, afirma Zaika que, em alguns casos, cria as coroas de forma personalizada para a construção das fotografias.

Inicialmente conhecida pela sólida carreira no Hip Hop, a artista afirma que sua atuação sempre foi dedicada à música eletrônica em geral. Ela se prepara para lançar, no início de 2019, o seu disco Akofena em streaming, que já está no forno desde 2015, e traz em seu conceito o Afrofuturismo num lugar de vivência da mulher preta e da interseccionalidade do feminismo negro. Ela já lançou single de duas das dez faixas que fazem parte do álbum, Az nega! e Fluxos, e entre as inéditas estarão samplers, incluindo uma música do João Bosco. O álbum foi gravado em parceria com o consagrado produtor Dubalizer, em São Paulo, e leva a forma de uma música politizada para dançar. “Fizemos um processo de pesquisa coletivo para trabalhar a sonoridade e a ancestralidade da música africana e afro-brasileira como fonte da música eletrônica”, destaca.

Foto: Nok é Nagô e 55px

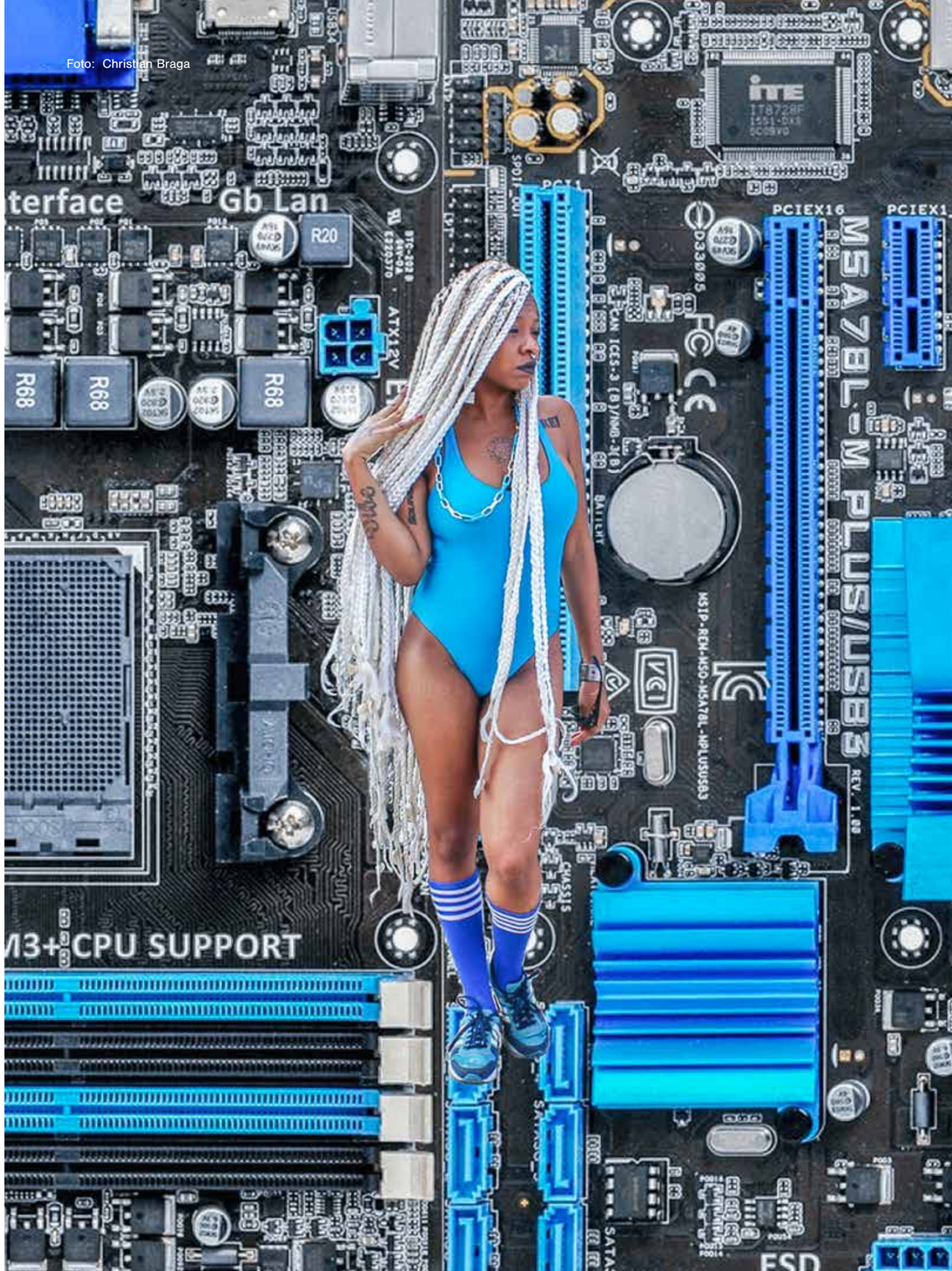


Foto: Christian Braga

Outra iniciativa desenvolvida por Zaika é o Saltosoundsystem que visa ao empoderamento feminino através da Cultura Soundsystem. A partir dos processos formativos com conteúdos técnicos, teóricos e práticos sobre a cultura e novas tecnologias do projeto, nasceu o primeiro sistema de som que tem o formato de um salto alto com caixas agudas, medias e de subgraves. Ele une quatro selectoras mulheres negras (Samantha Luz, Isabela, Zaika e Nah Araujo) e um selector homem trans negro (Alê) em um coletivo que se formou a partir do processo formativo do projeto e que instala seu sistema de som para amplificar músicas de mulheres negras estrangeiras e brasileiras nas linguagens sonoras dos ritmos de origem jamaicana e em outras como o funk e afro house. "A Salto é mais um processo formativo. A primeira edição do evento aconteceu no Centro de Referência da Cultura Popular da Lagoa do Nado e a nossa intenção é rodar a cidade com o sistema para amplificar música e empoderar mulheres", enfatiza.

E não para por aí. Ela ainda tem projetos de desenvolvimento de jogos de tabuleiro, na área das exatas, de produção como hacktivistas, entre outros. A multiplicidade de sua produção reflete na densidade artística de Zaika. Artista inquieta, está sempre em busca de novos conhecimentos com uma visão integrada dos conteúdos, o que fez com que, ao longo de sua história, vivesse momentos em que não era compreendida pelas pessoas ao seu redor. Na adolescência, aprendeu a fazer tranças nagô de forma autodidata, observando a tia Nilma que trabalhava em um dos primeiros salões afros da cidade, o Salão da Betina. Aos 14 anos, já se tornara a principal trançadeira do bairro onde morava. "Minha mãe falava para abrir o meu próprio salão, mas eu dizia que não queria ser cabeleireira, queria ser cientista", relembra Zaika, falando que sempre trabalhou com tranças nagôs em outro espaço de discussão para além do lado da estética e da política.

Ela faz com facilidade conexões entre as tranças, as complexas estruturas geométricas matemáticas contidas em fractais e a sua relação com a criação do sistema binário, base de qualquer sistema informatizado que conhecemos hoje. "Existem discussões sobre o uso das tranças, no período escravocrata do Brasil, como mapas que guardavam caminhos de fuga das senzalas. Já na África, as tranças eram trabalhadas mais dentro de outro contexto, dentre eles o dos fractais. Mas a ciência e os fractais não surgem na Europa? Não. Tivemos muito conhecimento que surgiu na África, mas existe um silenciamento histórico e foi quando eu decidi ir em busca de conhecimentos que me foram negados que os descobri", afirma.

Seu processo de pesquisa sempre foi no lugar desse resgate histórico e de cruzar áreas, mesmo tendo crescido ouvindo que era necessário focar e escolher uma secção de estudo e também da cultura. Na universidade, pode se aprofundar em novas ramificações da arte e trabalhar com convergências desses conteúdos. "Sabia que ao entrar na faculdade teria que estudar o conteúdo eurocêntrico, desconstruí-lo e trazer essas questões para o meu lugar de fala", explica.

Foto: Guilherme Xavier

Para Zaika, o afrofuturismo vai muito além da criação de narrativas ficcionais – conceito cunhado pelo crítico cultural Mark Dery em seu ensaio Black to the future, em 1994, pois ele está ligado com a arte, a ciência, a tecnologia e a inovação africana, e a reconexão da afrodiáspora a técnicas e conhecimentos desenvolvidos no continente africano que pode ser facilitada com o processo de globalização. "Para mim, o afrofuturismo não é uma ficção, ele é uma realidade. Esse passado, presente e futuro estão interligados, mas teve uma interrupção histórica que tem nomes: escravidão e colonialismo", ressalta.

Ela cita como exemplo a seção que traz as tecnologias e inovações africanas no período escravocrata do Brasil existente no Museu Afro Brasil. "Tanto dentro da África como fora dela, no contexto de afrodiáspora, temos vários cientistas negros que foram referência em diversos conteúdos, mas sofreram um apagamento histórico. Esse afrofuturismo que eu discuto fala, diz da perspectiva de Afrofuturismo da África Negra e o Afrofuturismo da Afro diáspora", acrescenta.

Zaika ressalta ainda que o Afrofuturismo não tem relação alguma com a vanguarda artística Futurismo. "Não existe essa conexão, pois esta é uma leitura ocidentalmente equivocada e só é feita porque houve uma apropriação da palavra "futuro" no surgimento da vanguarda eurocêntrica. É obvio que a palavra também não surgiu na África dessa forma, mas como muitas pessoas fazem a leitura do conteúdo pela perspectiva do ensaio Black to the Future, do Mark Dery, esse conflito etimologicamente estético acontece", pontua Para ela, a questão está no uso de uma palavra ocidental, por isso sempre utiliza o termo Arte, Ciência e Tecnologia e Inovação Africana e Afro diáspórica e incentiva a leitura do livro do historiador Carlos Machado dedicado ao tema, por acreditar que é necessário enegrecer nossos conhecimentos. "É justamente por esse conflito de palavra que eu curso uma matéria que se chama Arte e Vanguarda, e meu orientador na faculdade é especialista neste tema. Também dialogo diretamente com historiadores e curadores africanos e pelos papos potentes descobri que vanguarda sempre existiu em África, ou seja, temos que descobrir o que foi apagado historicamente. Por exemplo, "Wakanda" significa "o que é nosso por direito", e é um termo que existe na língua Kikongo, falada fluentemente na Áfrika Central e Sul, sobretudo em alguns países da região dos grandes lagos. Ela pertence ao grupo etnolinguístico Kôngo e consequentemente da família linguística Bantu nascida nos moldes da árvore linguística Niger-congo", destaca a multiartista.

A curadoria de todo esse conteúdo histórico, científico e artístico que Zaika se dedica a pesquisar dará origem ao novo projeto, o CAB - Circuito Afrofuturista Brasileiro. Ele tem como objetivo criar uma plataforma digital em que vai disponibilizar essas informações divididas a partir de assuntos específicos, reunindo o que tem sido produzido e pensado sobre o tema no país. "Também estou escrevendo dois artigos, um sobre a historicidade do Afrofuturismo, em que eu começo falando lá do período Paleolítico para depois passar pelo raciocínio dele dentro do período da escravidão, do pós-abolicionista, e o outro é sobre o pós-humano", conclui. A ideia da multiartista é transformar os artigo em um livro e o que não lhe falta é conhecimento.

Foto: Ezequiel Monge

NEGÓCIOS

Altair Alves

O empresário que usa a internet para fazer revolução no marketing contábil

Sandrinha Flávia
Jornalista, locutora, mestra de cerimônias e editora

Colaborar com o crescimento do empreendedorismo brasileiro disponibilizando conteúdos na internet que geram crescimento e lucratividade para as micro, pequenas e médias empresas, e incentivar os empreendedores, são alguns dos objetivos do empresário Altair Alves, dono de duas empresas de contabilidade, a COMED contabilidade que fica em Palmas e atua com serviços de contabilidade e gestão para empresas da área da saúde, e a Soluzione Contábil, em São Paulo, que atua com serviços de contabilidade para micro, pequenas e médias empresas em diversos segmentos.

Para além das empresas, Altair, único negro no segmento da contabilidade para empreendedores com essa projeção no Youtube, se tornou protagonista do marketing contábil no Brasil, após criar dois canais no youtube, e postar conteúdos produzidos a partir das demandas que ele percebia no dia a dia das suas empresas. Já são mais de 1200 vídeos publicados nos canais "Gerando Empreendedores" e "Altair Alves", e ambos somam mais de 4 milhões de visualizações.

O homem por trás de todo esse sucesso não teve a vida fácil no início. Natural de São João de Meriti, estado do Rio de Janeiro, no local mais conhecido como baixada fluminense, o empresário viveu em São João até os 19 anos, quando se mudou para São Paulo em busca de oportunidade de emprego. Órfão de pai desde os 15 anos, sua mãe sempre segurou o sustento da família trabalhando como empregada doméstica. O lugar onde morava, na época, tinha poucos recursos e também não era um local inspirador.

Devido às dificuldades da vida, Altair decidiu parar de estudar. "Parei na 7ª série e voltei apenas depois dos 25 anos. Não foi fácil porque naquele momento eu estava casado e com um filho recém-nascido, mas conseguimos avançar", destaca.

Antes de se tornar empresário, Altair teve várias profissões: passou pela construção civil como ajudante, depois foi auxiliar de restaurante e estoquista. "A boa oportunidade que seria o pontapé para tudo que tem acontecido hoje, surgiu no ano 2000 quando já havia terminado o colegial e consegui uma vaga em uma multinacional e também uma bolsa para estudar. Ingressei para trabalhar em uma empresa multinacional como quarteirizado e depois terceirizado. Após um ano, passei para a empresa principal, com isso tive a oportunidade de estudar. Fui o primeiro a trabalhar como auxiliar de depósito e a ganhar uma bolsa de estudo pela empresa para fazer o curso de administração de empresas", informa.

Mas, após dois anos, o futuro empresário e youtuber percebeu que se formar em contabilidade seria melhor. Ele acreditava que seria um caminho mais apropriado para trabalhar por conta própria no futuro. "Percebi também que o contador poderia ser o braço direito na gestão das pequenas empresas no Brasil", mencionou.

O caminho até se tornar referência na internet, e agora também como palestrante do ramo, foi longo. Em 2015, o empresário resolveu publicar conteúdos no site da sua empresa. As pessoas começaram a copiar, uma demonstração de que os conteúdos estavam bons. Mas ele queria mais, daí pensou que se publicasse vídeos seria mais difícil de copiarem, para além disso, existe uma estatística que prevê que até 2020 80% da linguagem de comunicação será através do vídeo, informação decisiva para começar um novo negócio.

As dificuldades no início foram muitas. O medo do julgamento das pessoas era uma sombra, mas a vontade de ajudar o outro falou mais alto. "Eu tinha medo do julgamento das pessoas, mas, com o tempo, fui aprendendo como lidar com isso. Hoje já gravo sem medo e focado nas pessoas que precisam da informação e gostam do meu trabalho. Rejeição, mesmo que muito pequena, todos nós teremos. Aprendi que o mais importante é colaborar", enfatiza.

Perguntado sobre a sua esposa, pois o mesmo sempre a menciona nas suas redes sociais particulares, Altair responde: "A Família é a base de tudo. Acredito que ela é uma grande parceria no meu desenvolvimento. Uma das principais incentivadoras. Fica atrás apenas da minha mãe que sempre fez o possível e impossível para que eu conseguisse avançar. Nada justifica o sucesso no empreendedorismo se com ele não vier a família e os principais amigos", finalizou.

Foto: Arquivo pessoal

ÁFRICA

Mwana Afrika

A jornalista que está levando conteúdo sobre o continente africano para o mundo

Sandrinha Flávia
Jornalista, locutora, mestra de cerimônias e editora

Foto: Luís Germano

Desde fevereiro de 2018, Mwana Afrika grava vídeos para o projeto que leva o seu nome, Mwana Afrika – Oficina Cultural. A produção faz parte de um quadro veiculado na TV Pública de Angola. As pautas dos vídeos abordam danças, ciências, símbolos culturais, filosofia, tecidos e tantos outros temas que retratam o universo de Angola. A formação em jornalismo e economia e finanças foram fundamentais para ela realizar o que ama: contar histórias e publicá-las. A jornalista ressalta que se sente muito bem com esse trabalho e que a profissão é uma forma de ensinar e aprender o tempo todo.

A ideia da Oficina Cultural começou como uma espécie de Academia Panafricanista nas ruas de Lisboa como ela mesma explica: “Eu juntava pessoas de várias etnias, raças, idades, e “aculturava-as” com África.” Com o crescimento do projeto, Mwana resolveu dar uma parada para reestruturação. O projeto agora será ampliado para várias cidades do mundo. “Quero ver a África na boca do mundo pela positiva, quero levar nossos valores, nossa variedade cultural e linguística, nossa sabedoria ancestral e muito mais.”, diz orgulhosa da sua terra.

Sua bagagem cultural vem de muita dedicação a pesquisas e várias vivências pessoais viajando por quase 20 países, sempre trazendo aprendizados e ensinamentos. “Quem viaja ou tem a experiência de viver num país diferente, nunca é a mesma pessoa. As experiências de vida valem muito, levamos para a vida toda. Conheço quase a Europa toda.” As próximas viagens da jornalista serão apenas pela África. Ela pretende passar por Ghana, Senegal, Quênia, Congo etc.

Atualmente divide sua moradia entre Portugal e Angola. Mas Mwana tem sangue brasileiro, pois nasceu no Brasil. “Nasci e vivi no Brasil. Cresci em Angola e atualmente vivo em Portugal.” Sobre a sua família, ela fala o suficiente: “Minha família é tudo pra mim; se hoje sou o que sou, é graças à minha família. Venho de uma família muito trabalhadora, dedicada e com uma educação que vale ouro”.

Para o próximo ano, Mwana pretende talvez lançar o seu primeiro livro, para isso ela está focada nas pesquisas: “Gostaria que os conteúdos retratados no meu programa de TV dessem lugar a um livro. Pretendo escrever para documentários e também vem aí o livro de ensino básico de línguas africanas. Estamos a terminar a produtora “Mwinda” e brevemente teremos muitas novidades”.

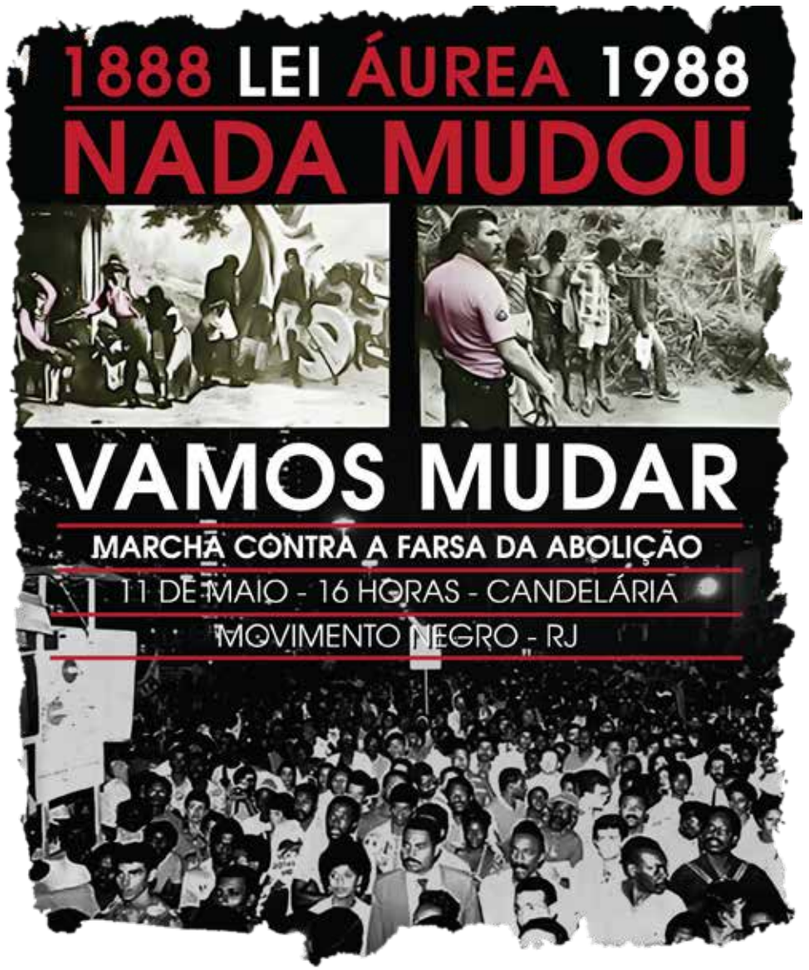
Conheça mais sobre o projeto.
Visite o Canal do Youtube de Mwana Afrika:

http://tiny.cc/mooi1y

130 anos da Abolição: O racismo é letal!

Marcos Antonio Cardoso

É militante do Movimento Negro, filósofo, mestre em História Social e professor de Introdução à História da África



A escravização de um ser humano por outro ser humano, seja qual for a razão, é sempre uma das formas mais cruéis de dominação na história da humanidade. Essa forma de opressão e exploração, que retira violentamente do ser humano o direito à sua dignidade inata, é odiosa e condenada por nós, sem apelo.

> "Não existe a suposta escravização de "negros por negros" ou de "africanos por africanos", como hoje se constitui num argumento corrente". A escravatura africana é e não pode ser vista senão como mais um exemplo de propensão do ser humano de exercer a violência contra outro ser humano sob o impulso da cobiça e do afã do lucro (MOORE, 2007).

O racismo estabeleceu uma hierarquia racial e cultural com vistas a impor uma suposta "superioridade" branca ocidental sobre uma também suposta "inferioridade" negro africana. O filósofo alemão Hegel (1770-1831) afirmou que a África é um continente sem história própria. Na sua obra Filosofia da História (1830), escrevia:

> ''A África não apresenta interesse, não apenas do ponto de vista da sua própria história como também pelo facto de que vemos ali o Homem num estado de barbárie e de selvajaria que o impede de ser ainda parte integrante da civilização'' (HEGEL, 1830).

Assim, dada à sua "natureza subhumana", a exploração social e econômica dos povos negros e indígenas, dos **amefricanos**, conforme a categoria pensada por Lélia Gonzalez foi e continua sendo considerada como "natural" (GONZALEZ, 1988).

Graças às reflexões de autores(as) pan-africanistas, hoje sabemos que a violência do racismo produziu um lugar de **não memória** do nosso legado histórico, da nossa dignidade, e da nossa contribuição para o avanço da humanidade nos campos da filosofia, da ciência, da tecnologia, da arte e da religiosidade.

> Na colonização, "as nações que empreendem uma guerra colonial não se preocupam com o confronto das culturas. (...) A primeira necessidade **é a escravização**, no sentido mais rigoroso, da população autóctone. Para isso, é preciso destruir os seus sistemas de referência. A expropriação, o despojamento, a razzia, o assassinato objetivo. Desdobram numa pilhagem dos esquemas culturais. O panorama social é desestruturado, os valores ridicularizados, esmagados, esvaziados." (FANON, 1956).

Fanon nos indica o sentido da nossa reflexão sobre a influência do colonialismo e do racismo na mentalidade cultural brasileira, o que significa saber conectar nossa análise política com a história dos povos africanos. Ora, a África sofreu uma mudança brutal com a violenta investida do colonialismo europeu, que não cessou, até hoje, de produzir o "**subdesenvolvimento africano**" (RODNEY, 1982). O ato inaugural desse processo foi à transplantação de 15 milhões de africanos para as Américas para serem escravizados pelo simples fato de serem negros. Um verdadeiro crime contra a humanidade.

Na sua história, a África estruturou diferentes formas de relações sociais, entre elas diversos modelos de relações de trabalho e de produção baseados no trabalho servil. Conforme Carlos Moore, as formas de "escravidão" em África foram tão variadas quanto complexas, tais como: doméstico-serviçal, burocrático-militar, ou econômico-produtora.

Vale notar que desde as primeiras sociedades estatais africanas dos povos do vale do rio Nilo até a chegada dos árabes no século VII e dos europeus no século XV, a condição de escravo correspondeu a uma categoria social entre várias outras, e não foi de nenhum modo "**nem socialmente dominante, nem demograficamente preponderante**." Isso quer dizer que não houve no continente africano um modo de produção dominante sobre o qual se estruturasse o conjunto da sociedade, como foi o caso da Europa greco-romana, no Oriente Médio e nas Américas – baseado no trabalho escravo (MOORE, 2007).

Essa lógica orientou a colonização do Brasil. Com a ameaça dos franceses em ocupar essas terras em 1530, a Coroa Portuguesa concedeu grandes extensões de terras a "nobres" portugueses que deveriam em contrapartida proteger as terras sob sua responsabilidade e se dedicarem à produção de açúcar, copiando o modelo da costa ocidental africana.

A base da colonização, durante 350 anos, foi a exportação de mercadorias produzidas pelo escravo. A unidade de produção do engenho de açúcar foi o motor da economia brasileira durante toda a Colônia. Em torno do açúcar, outras atividades eram fundamentais no processo da produção e tudo que era utilizado nas fazendas e engenhos era produzido lá mesmo com tecnologia africana.

Dessa forma, a sociedade patriarcal da **Casa Grande** foi sendo estruturada com os grandes senhores de terras, povos indígenas e africanos escravizados que faziam o serviço pesado e **não pago**, acrescida de uma pequena camada de homens livres e sem posses de pequenos agricultores que vieram para cá em busca de riqueza e lucro fácil, criminosos, judeus e cristãos novos que fugiam das perseguições religiosas ou da Lei.

As cidades foram crescendo em torno dos portos mais movimentados como Recife, Salvador e Rio de Janeiro, a partir do comércio e da administração política e religiosa. Foram construídas igrejas, conventos, fortalezas, câmaras, prédios da administração colonial e seus funcionários formando uma elite local ligada à exportação do açúcar.

Outro ciclo econômico importante que dinamizou a economia colonial no século XVIII iniciou-se com a descoberta de ouro e diamantes em Minas Gerais. O ouro trouxe alguma prosperidade econômica para o Brasil, apesar da pesada tributação de impostos cobrados pela monarquia portuguesa para enriquecer a nobreza e gerar a revolução industrial na Inglaterra. O tráfico transatlântico de africanos, além da força de trabalho, foi também o **tráfico do conhecimento**.

A abolição oficial do trabalho escravo no Brasil em 1888 não provocou mudanças significativas no Brasil de então, nem nas formas de produção, nem nas relações sociais escravocratas que infernizavam a vida da popula-

ção negra. A abolição apenas abriu o caminho para o capital industrial, para a imigração de europeus e a abertura dos novos mercados de consumo para os produtos industriais ingleses incompatíveis como o modo de produção escravista.

É nesse contexto que se forma a classe trabalhadora brasileira com a mão de obra imigrante europeia e a exclusão dos ex-escravizados do novo mercado de trabalho livre. O Brasil pós-abolição assistiu a marginalização socioeconômica e política da população negra no espaço urbano e rural, uma realidade marcada pela segregação racial e espacial na medida em que o fim da escravidão não aboliu o monopólio da terra, fonte de poder econômico e principal meio de produção das riquezas até as primeiras décadas do século XX.

Nos 130 anos da abolição, o Brasil desenvolveu um processo sistemático de branqueamento em que a cor branca e o prestígio a ela associado, a partir de mecanismos de controle e o constante trabalho pedagógico de produção do esquecimento e desvalorização de tudo que se refira à ancestralidade negra, seja entre as famílias brancas ou pela difusão das narrativas euro-cristãs e patriarcais. As famílias brancas no Brasil de hoje são cúmplices morais da escravidão.

Nesse período identificamos, também, uma nova resistência negra com o surgimento de inúmeras instituições como as irmandades religiosas, terreiros de candomblé e umbanda, clubes recreativos, imprensa negra, grupos musicais, artísticos, teatrais, de capoeira, escolas de samba, associações políticas e o movimento Hip Hop e coletivos culturais da juventude negra.

Toda a efervescência política, musical, corpórea, literária e estética da negritude fortaleceu novos sujeitos no processo de democratização da sociedade e reivindica das instituições que vejam as desigualdades das relações raciais, de gênero e de classe no plano cultural e do poder no Brasil. Guardadas as diferenças regionais e temporais, as lutas negras têm um sentido histórico nacional e nasce da junção de todas as opressões e conflitos, internos e externos ao Movimento Negro que afirmam o lugar dos homens e das mulheres negras nas lutas "**emancipatórias**" da sociedade brasileira (GOMES, 2017).

O racismo não é uma prática ingênua. Constitui o nó que derruba nossos jovens pelo caminho, impede o avanço da comunidade negra e causa prejuízos à nossa vida psíquica individual e coletiva. A ação do racismo é silenciosa, no entanto, suas consequências gritam alto quando olhamos as pesquisas e constatamos a ausência de pessoas negras em profissões de prestígio e nos espaços de decisão.

No contrapelo, as pesquisas informam sobre o alarmante extermínio da juventude negra pela letalidade das armas de fogo. Tais números não causam nenhuma sensibilidade social ou coletiva. Tamanha indiferença e omissão, conforme Achille Mbembe, configura uma **necropolitica**, uma cultura movida pela "**pulsão de morte**" na sociedade. Enfim, o racismo constitui a espinha dorsal da insensibilidade da cultura brasileira. Não somos ouvidos, não encontramos eco no discurso midiático, no discurso acadêmico, nem nos espaços institucionais da esfera pública. Não há nenhuma ingenuidade, o real se apresenta diante da cor da pele e o racismo é letal.

REFERÊNCIAS

FANON, Frantz. Racismo e Cultura. Texto da intervenção de Frantz Fanon no 1º Congresso dos Escritores e Artistas Negros em Paris, em setembro de 1956. Publicado no número especial de Présence Africaine, de Junho-Novembro de 1956.

GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, Nº 92/93 (jan./jun) 1988b, p. 69-82.

HEGEL, J. G. Friedrich. Filosofia da História. Brasília: Editora UnB, 1999.

MBEMBE, Achille. Crítica da razão negra. 2ª edição. Lisboa: Antígona, 2017.

MOORE, Carlos. Racismo e Sociedade – novas bases epistemológicas para entender o racismo. Belo Horizonte: Mazza edições, 2007.

RODNEY, Walter. De como a Europa subdesenvolveu a África. In: A África que incomoda – sobre a problematização do legado africano no quotidiano brasileiro. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

CULTURA - LITERATURA

Hora Fria

Jussara Santos

Professora e escritora Formada em Letras pela UFMG. Mestre em Letras pela PUC/MINAS e Doutora em Literaturas de Língua Portuguesa pela mesma instituição.
Pesquisadora da produção literária afrodescendente

Ilustração:
Leonardo Ramaldes

É tanto tiro,

eu ouço todos os tiros, ouço todos os dias, todos os tiros, moça, parece até festa de São João, aquelas festas grandes sabe com muita gente e os fogos explodindo, cê já foi nessas festas moça, eu ia muito, era bonito, meu minino era bonito também moça, meu minino também gostava dessas festas, atiraram no joelho primeiro, no joelho esquerdo, bem do lado do coração moça, mas mesmo assim levantei, aí atiraram na perna, não sei em qual primeiro, mas atiraram, numa só, eu nem entendi na hora por que (?) não atiraram nas duas de uma vez, acho que pra me deixar levantar e tentar andar de novo, aí moça eu levantei, então atiraram na outra, aiii, ouviu, ouviu o grito, agudo né, igual o grito que dei na hora do primeiro parto, dói moça, no frio então, ouve, ouve o rojão, é guerra mesmo, moça quando atingiram a outra perna, eu arrastei, sabe, arrastei muito, acho que tentava chegar em casa, mas tava doendo, a casa era longe, cansada, fiquei ali mesmo, deitada com a barriga na minha poça de sangue, esperei o de misericórdia, demorou mas veio, ficaram assistindo a agonia moça, e tava frio, sangue de filho morto não é o mesmo sangue de menstruação né (?), no frio dói, dói mais, dói o joelho, os ossos estilhaçados de minhas pernas, meu ventre então, todo revirado moça, a cada hora fria a violência de meu segundo parto, perder filho é parir às avessas, põe a mão no meu ventre, põe, ele parece vazio, mas tá cheio, cheio de tiro...

Leonardo Ramaldes
Ilustrador

CULTURA - DANÇA

Raquel Cabaneco: dança que corre nas veias

Well Mendes
Jornalista, fotógrafo e produtor audiovisual

Raquel Cabaneco cresceu rodeada pela dança. Desde pequena, via seus primos dançarem embalados em ritmos africanos que contagiam qualquer um, como Kuduro, Afrohouse, Semba e Kizomba, estilos musicais que já a marcavam desde a infância. “Eu sempre cresci nesse ambiente, ouvindo as músicas e vendo minha família dançando”, conta. Ali, a história de amor entre Raquel e a dança começava. Aos nove anos, teve seu primeiro contato com a dança através do projeto de uma igreja em Belo Horizonte. Nele, conheceu a dança urbana. Começou pela Break Dance, inspirada pelo gosto do irmão mais velho pelo estilo.

A partir de 2012, Raquel começou a dançar em outro projeto social no bairro Caiçara. Hoje, é professora de dança no mesmo projeto. Além disso, o ano foi um marco para a dançarina que começou a pesquisar mais sobre danças africanas durante esse período. “Antes eu só dançava e gostava da música, mas passei a pesquisar a fundo e a perguntar para os meus pais sobre os estilos das danças ritualísticas”, explica. Hoje, sua principal fonte de pesquisa são as danças angolanas, precisamente o Afrohouse, Kuduro, Azonto, Semba e Kizomba. “Foi a partir desses estilos que eu redescobri minha identidade dentro da dança. Era algo que já estava estabelecido dentro da minha casa pelo fato de meus pais serem guineenses”, acrescenta.

Atualmente, Raquel trabalha no projeto Anjos D’Rua como professora de danças africanas. Além disso, cursa Fisioterapia, trabalha em um programa de extensão da escola integrada e ainda tem tempo para frequentar a igreja aos domingos e para ouvir pessoas. “Tenho um amor muito diferente pelas pessoas e pelas histórias delas, então, sempre durante a semana, eu costumo tomar um café com uma pessoa ou encontrar outra pessoa pra trocar uma ideia. Eu gosto muito disso”, finaliza.

Foto: Rick Batista

CULTURA - Música

Abras as asas sobre nós, Senhora Liberdade!

Leo Olivera
Pesquisador, DJ e apresenta o Programa Elektronica na Rádio UFMG Educativa FM104,5. É o criador e editor da OHM Music Magazine

Em tempos nos quais a música vira uma oração, nos quais o pedido do sambista vira um mantra, calou-se mais uma voz. Se foi Wilson Moreira. Foi para onde vão os sambistas depois de cumprirem a santa missão de nos mostrar a razão de estarmos juntos por aqui. Pois o samba toca o coração. Ele espanta as nuvens escuras que podem esconder a lua cheia e que de tempos em tempos podem nos assustar, quando lembramos que nossas vidas que quase foram flores, transformaram-se em dissabores. Mas o samba também nos mostra que não estamos no fim.

Wilson Moreira Serra nasceu no Rio de Janeiro em 1936 e não teve vida fácil. Perdeu o pai aos 9 anos, trabalhou para ajudar em casa, mas persistiu na escola. Vendeu amendoim, cocada, foi engraxate, entregou marmita e, por 35 anos, foi guarda de presídio. Desde pequeno, ouviu os ritmos ancestrais do jongo e do caxambú. Herdou de sua família a cultura musical. A música por diversas vezes o colocaria nos lugares certos, nas horas certas. O samba era a sua grande paixão. Com 12 anos já observava o batuque das escolas de samba. Participou do nascimento de várias delas. Foi um dos fundadores da Mocidade Independente de Padre Miguel e da sua tradicional Ala de Compositores. Seu primeiro samba-enredo, “Bahia”, parceria com Ivan Pereira, foi um sucesso. Outro famoso, “As Minas Gerais”, foi elogiado por Ary Barroso. Estudou música nos anos 60 e 70 com o maestro Guerra Peixe e teoria musical com a professora Maria Luiza de Matos Priolli.

Wilson Moreira e Nelson Sargento. Foto de Gal Souza, gentilmente cedida pelo Centro Cultural Solar de Wilson Moreira, Rio de Janeiro

E produziu e foi gravado por muitos. É mais fácil conhecer sua obra que identificar sua autoria. Inúmeras foram suas outras vozes: Leny Andrade, Clara Nunes, Elizete Cardoso, Alcione, Beth Carvalho, Jair Rodrigues, Emílio Santiago, Martinho da Vila, Jovelina Pérola Negra, Zélia Duncan, Djavan, Sandra de Sá, Dudu Nobre, Elza Soares, Moacir Luz, Jorge Aragão, entre outros. Wilson Moreira teve muitos e importantes parceiros como Candeia, Natal, Paulinho da Viola etc. “Judia de Mim”, composta com Zeca Pagodinho, representa bem sua veia de trabalho colaborativo. Todavia, o parceiro musical costumeiro foi o compositor Nei Lopes. O trabalho deles nos presenteou com dois dos mais clássicos álbuns do nosso samba: “A Arte Negra de Wilson Moreira e Nei Lopes”, de 1980, e “O Partido (Muito) Alto de Wilson Moreira e Nei Lopes”, de 1985. Eles demostram por que Moreira e Lopes é considerada uma das maiores parcerias da história do samba.

Em 2011, Wilson inaugurou o Centro Cultural Solar de Wilson Moreira, na Praça da Bandeira, Rio, onde abriga oficinas de música e cursos livres de culinária, artesanato, reciclagem, teatro e dança, além de shows para toda a comunidade.

Wilson, devido ao seu forte aperto de mão, ganhou o apelido de “Alicate”. Ele nos deixou aos 81 anos em setembro de 2018. Nei Lopes lhe prestou homenagem dizendo que “Agora, as asas da Liberdade – a Eterna, que é aquela de que gozam os que realmente conseguiram dizer o que vieram cumprir na existência terrena – foram abertas sobre seu queridíssimo parceiro e amigo Wilson Moreira Serra”.

CULTURA - TEATRO

Diversidade nos palcos do FIT-BH

Naiara Rodrigues
Jornalista e assessora de imprensa

Pensar o corpo como uma língua e o seu lugar na construção de discursos. Esta foi a ideia do conceito "corpos-dialetos", proposta pela curadoria de Grace Passô, Soraya Martins e Luciana Romagnolli junto de mais três curadores-assistentes para a 14ª edição do FIT-BH, Festival Internacional de Teatro de Belo Horizonte. "Fomos atrás de produções que respondessem estética e criticamente problemas atuais do Brasil, em que diferentes pessoas pudessem se sentir reconhecidas nos palcos por questões de cor, gênero, raça, sotaques", destaca a curadora Soraya Martins.

Na Mostra Nacional, por exemplo, a produção nordestina correspondeu a 66% dos trabalhos apresentados. Entre eles estava o pernambucano "A Gente Combinamos de Não Morrer", inspirado no conto homônimo de Conceição Evaristo, performance dedicada à constituição de situações, rituais e processos coletivos de elaboração das feridas necropolíticas. "Tentamos fazer um festival que ampliasse a noção de teatro brasileiro que, muitas vezes, é pensado numa perspectiva eurocentrista. Buscamos teatro feito por mulheres, por nordestinos, por trans, por pessoas que estão nas periferias com suas potências criadoras. A gente mudou o foco do olhar, para expandir, sair do eixo Rio-São Paulo", destaca.

Para a curadora, o festival foi político e democrático. "O FIT levou para os palcos teatros políticos feitos com uma excelência estética muito grande porque muitas vezes a gente fala de teatro político e as pessoas acham que não tem estética", afirma. Ela cita a peça "Unwanted", da performer ruandesa Dorothée Munyaneza, feita a partir de relatos coletados por ela de mulheres que foram vítimas de estupros cometidos como arma de guerra durante o genocídio dos Tutsis. "Foi discutido política, mas esteticamente, com música eletrônica, cantigas em dialeto ruandês, dança, e performance corporal incrível, fruto do seu estudo em torno do teatro contemporâneo. É inegável falar que tem uma qualidade estética naquele trabalho", avalia Soraya Martins.

O evento reuniu um conjunto de trabalhos nacionais e internacionais que fez seu percurso na contramão de uma arte eurocentrada, trazendo para os palcos o debate sobre questões de gênero, classe e étnico-raciais. Foram 59 apresentações com trabalhos de doze países e oito estados brasileiros, além de oficinas, mostra de cinema e outras atividades que contaram ao todo com público estimado de 25 mil pessoas.

Foto: Ricardo Laf

COTIDIANO

Notícias

Equipe Casarão das Artes

Estreia: série "Sou Amor"

A Rede Minas lançou, no final de novembro, a série ficcional "Sou Amor". A trama se passa em Belo Horizonte, no bairro Esplanada, e tem como personagens centrais adolescentes contemporâneos brasileiros que vivem relacionamentos, conflitos, amores, afetos e questões relacionadas à identidade de gênero e orientação sexual.
São 13 episódios de 26 minutos exibidos toda quarta-feira, às 22h15min. A série foi criada e dirigida por André Amparo e Cris Azzi, e roteirizada por Guilherme Lessa e Rafael Ski, em conjunto com os diretores.

Foto: Bárbara Gabrielle

Luiza da Iola lança clipe que aborda as questões do afeto afrocentrado

Foto: Mariana Botelho

A cantora e compositora Luiza da Iola lançou recentemente o clipe da música "Nêga" com a participação especial do cantor Babu. O vídeo chama a atenção para a afetividade negra. Uma reflexão sobre diversidade de gênero e a compreensão do afeto afrocentrado como forma de resistência. A canção faz parte do EP "Mas Eu Voltei" lançado no dia 23 de novembro. As cenas foram gravadas em Belo Horizonte. Luiza também acaba de lançar seu novo site luizadaiola.com.br
Confira o resultado do clipe nas redes sociais da cantora, Luiza da Iola.

Notícia Preta: um portal que respeita o lugar de fala

Lançado no Dia da Consciência Negra, 20 de novembro, o portal colaborativo "Notícia Preta", criado pela jornalista carioca Thais Bernardes, aborda assuntos a partir da temática negra, levando em consideração o lugar de fala das pessoas. O Notícia Preta nasceu da vontade da idealizadora em dar oportunidade para pessoas que queiram ter o primeiro contato com a profissão de jornalista, ou seja, estudantes que não têm a oportunidade de entrar nos grandes meios de comunicação. Thais passou por esse problema e sabe bem como funciona. Conheça o portal: **www.noticiapreta.com.br**

Paulo Roberto Antunes lança seu terceiro livro

O Prof. Paulo Roberto Antunes lançou, com o apoio da Secretaria Municipal de Cultura e da Academia de Ciências e Letras de Conselheiro Lafaiete, o livro dois em um que reúne, em uma mesma publicação, os títulos "Aleatórias: imagem mental com sabor" e "2014: o achamento de Lisboa". Nas obras, o autor exterioriza reflexões sobre a vida e o ser humano, perpassando temas como o racismo, a homofobia, a problemática ecológica, o machismo, além de apresentar um relato verbal e imagético da cidade de Lisboa. É o terceiro livro de Antunes, mineiro de Conselheiro Lafaiete e docente da Faculdade Santa Rita.

Foto: Divulgação

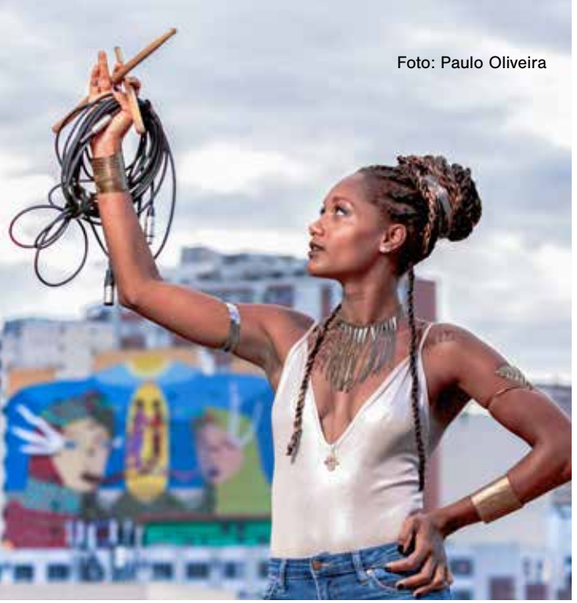


Foto: Paulo Oliveira

NOTÍCIAS

Elisa de Sena selecionada no Natura Musical

A atriz, intérprete e compositora mineira, Elisa de Sena, se junta a nomes como Tássia Reis, Margareth Menezes e Thiago Matéria Prima no time de 50 selecionados pela edição 2018 do Projeto Natura Musical. Com o resultado, a artista iniciou o trabalho de pré-produção do seu primeiro disco. O seu primeiro single autoral já lançado, com o nome "Magia", traz um som poético e rítmico que une a força da percussão afro-mineira à amplitude de possibilidades do universo da música eletrônica e deverá ser a primeira faixa do novo álbum com previsão de lançamento em 2019. O universo feminino, de negritude, resistência, flexibilidade, transformação, natureza, urbanidade, do cotidiano e da mágica da vida dão o tom da obra, intermediado pelo diálogo entre os tambores mineiros e a música eletrônica. Elisa é uma das cantautoras fundadoras do Coletivo Negras Autoras.

Maria Firmina dos Reis - Faces de uma precursora

O livro "Maria Firmina dos Reis – Faces de uma precursora" foi lançado pela Editora Malê no dia 11 de dezembro no Café com Letras, em Belo Horizonte. A obra traz um panorama da inscrição na história da mulher e de sujeitos negros nas letras do Brasil, e é organizado por Constância Lima Duarte, Luana Tolentino, Maria Lúcia Barbosa e Maria do Socorro Vieira Coelho. Os textos refletem sobre a trajetória e obra da escritora, folclorista e compositora afrobrasileira, Maria Firmina dos Reis, que nasceu no Maranhão e viveu entre 1825 e 1917, com grande atuação política e intelectual. A autora escreveu os romances Úrsula, Gupeva, e que também publicou letras de músicas e poemas como O hino da libertação dos escravos.

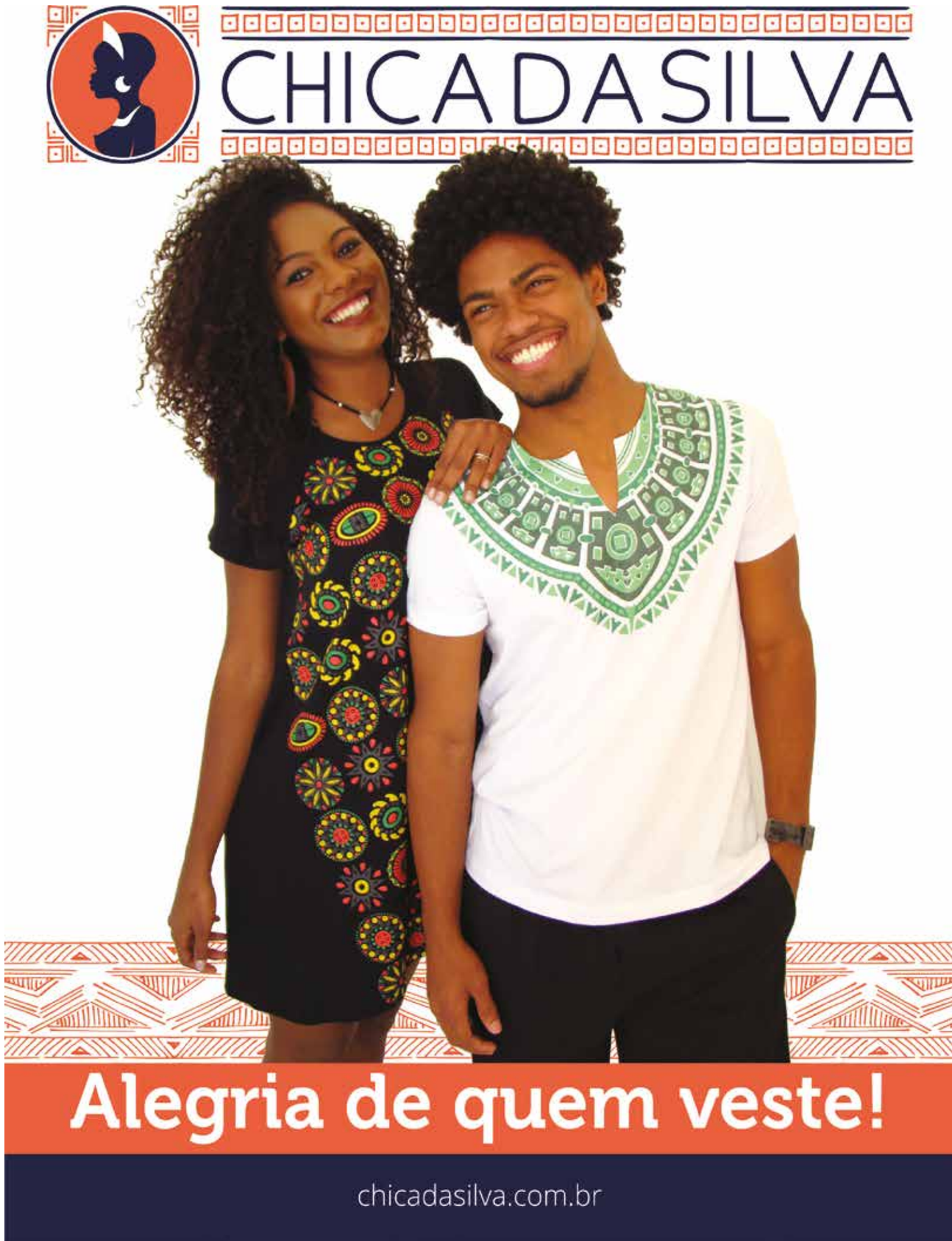
Foto: Divulgação

O Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional Lagoa do Nado recebe a exposição Quilombos Urbanos e a Resistência Negra em Belo Horizonte até o dia 13 de dezembro de 2019. A mostra tem como objetivo salvaguardar, promover, valorizar e divulgar a história e cultura única dos três quilombos urbanos de Belo Horizonte, Manzo Ngunzo Kaiango, Luízes e Mangueiras, reconhecidos como Patrimônio Cultural do Município em dezembro de 2017. Por meio do acervo oriundo desses quilombos, a exposição conta a história de luta e resistência desses territórios pela ótica cultural, histórica e religiosa que constituem suas identidades.

As visitações podem ser feitas de terça a domingo, das 09h às 17h, no Casarão do Centro de Referência, que fica na rua Ministro Hermenegildo de Barros, 904, Itapoã, e possui entrada gratuita.

Mostra de Cinema de Tiradentes

Reconhecida como uma das principais vitrines do cinema brasileiro contemporâneo, a Mostra de Cinema de Tiradentes abre o calendário do cinema brasileiro de 2019 e chega a sua 22ª edição nos dias 18 a 26 de janeiro. Com uma programação que inclui filmes instigantes e inventivos, e discussões tão pertinentes quanto desafiadoras, o evento conta com atuação de uma equipe curatorial formada por sete profissionais do audiovisual dentre nomes já conhecidos e estreantes na função, divididos em direção curatorial, curadoria de longas, curadoria de curtas e assistente de curadoria. Uma das novas integrantes é a professora Tatiana Carvalho Costa que selecionará os curtas que integrarão as mostras temáticas e a competitiva Foco. Ela é pesquisadora, realizadora audiovisual e professora no curso de Cinema e Audiovisual do Centro Universitário Una, em Belo Horizonte, onde coordena o projeto PRETANÇA. Integra o movimento segundaPRETA, na produção e corpo crítico. Participa do grupo de estudos CORAGEM – Cor, Raça e Gênero – do PPGCom/UFMG e colabora no Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT – NUH/UFMG.



Africanidade é questão de estilo!

Acessórios hand-made estilo afro-brasileiro é com a Nega Badu!

Nêga Badu

Contato: (31) 3347-3763 | 99339-2795

www.facebook.com/NÊGA-BADU-503633653106251